



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13112 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

“TERMÔMETRO RACIAL”: NARRATIVAS DE NEGROS/AS E BRANCOS/AS SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS EM CARREIRAS DE PRESTÍGIO

Sérgio Pereira dos Santos - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES - PROCAD-AMAZÔNIA

“TERMÔMETRO RACIAL”: NARRATIVAS DE NEGROS/AS E BRANCOS/AS SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS EM CARREIRAS DE PRESTÍGIO

Resumo:

O texto analisa narrativas de vida sobre trajetórias de sujeitos/as brancos/as e negros/as em carreiras de prestígio de diversas épocas e instituições do país. O estudo se constitui como mecanismo de compreensão mais ampla das dimensões do racismo e da branquitude, de maneira que tais problemáticas sejam enfrentadas em suas verdadeiras faces, tendo a educação como instrumento político-pedagógico-científico de transformação das estruturas raciais produtoras das desigualdades e dos privilégios raciais. A investigação se alicerça numa pesquisa qualitativa de perspectiva etnossociológica, tendo as narrativas de vida como princípio direcionador da coleta de dados. Aponta-se para a importância da educação antirracista como processo formativo no combate às mentalidades e práticas racializadas, seja em nível micro, seja em nível macro.

Palavras-chave: negritude; branquitude; carreiras de prestígio; narrativas de vida; educação antirracista.

Introdução

Este texto, a partir de alguns dados de uma pesquisa de estágio pós-doutoral em Sociologia, produzida em 2022, objetiva analisar narrativas de brancos/as e negros/as em carreiras de

prestígio sobre suas próprias trajetórias de vida. A investigação se debruçou analiticamente sobre as narrativas de vida referentes as trajetórias de 43 sujeitos/as brancos/as e negros/as em diversas carreiras de prestígio sociais de várias épocas (1980 a 2021) formados/as em 12 instituições públicas e privadas do país.

Consideramos a problemática da intensificação do racismo nos processos de afirmação e negação das identidades negras, assim como a dimensão da branquitude nos processos de afirmação e negação das identidades brancas nas trajetórias de negros/as e brancos, levando em conta aspectos ligados à família, à escolarização, ao trabalho e às sociabilidades diversas.

Referencial Teórico-Metodológico

Segundo Munanga (2009), a ideia de negritude, preliminarmente, pode ser pensada a partir de uma perspectiva de construção da identidade negra no contexto da diáspora e, também, como conceito e movimento ideológico. Nessa conceituação, a negritude pode abranger uma linha de ação mitológica, passando pela ancestralidade, no retorno às origens e na busca de um passado comum, mas também pela estratégia de resistência, contrapondo-se ao processo histórico de dominação colonial e de discriminação racial pelo qual viveram boa parte de negros/as colonizados/as, em especial, no Brasil. O autor ressalta que a negritude perpassa os planos biológico e psicológico, percorrendo, ainda, o plano das posições ocupadas pelas pessoas na estrutura social, definindo-se pela valorização de práticas culturais tradicionais e pela forma como essas práticas passam a ser consideradas e a terem seu espaço garantido nas relações sociais, inclusive, nas de mercado.

As emergentes pesquisas sobre branquitude destacam algumas conclusões que são discutidas nesse trabalho, à luz dos achados empíricos. De forma geral, a branquitude encerra uma posição estrutural confortável no qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (FRANKENBERG, 2004). A branquitude envolve uma constelação heterogênea de tomadas de posição, principalmente aquelas articuladas com o mascaramento, com a ocultação, com a transfiguração e com o sigilo, por um lado, e aquelas articuladas com a visibilidade, com o se fazer visível, notável e reconhecido, por outro. São indicações de que é por meio da interação entre visibilidade e invisibilidade que emerge toda a sorte de paradoxos e complexidades na constituição dos/sujeitos/as brancos/as em todas as situações sociais (NUTTALL, 2004).

A produção de narrativas de vida por meio de entrevistas semiestruturadas, assim como sua análise, tiveram por bases as premissas básicas de pesquisas qualitativas de caráter compreensivo (BEAUD; WEBER, 2010; YIN, 2016). Indo nessa esteira da compreensão dos significados da vida das pessoas na realidade social, a perspectiva etnossociológica (BERTAUX, 2010), como uma pesquisa empírica, também nos ajuda a estudar um fragmento particular da realidade social-histórica constituído por um objeto social. Ela permite a compreensão de como esse objeto funciona e se transforma, evidenciando as configurações de relações sociais, os mecanismos, os processos e as lógicas de ação que o caracterizam.

Narrativas de vida de negros/as e brancos/as

Ao evidenciar aspectos de sua trajetória ligados à relação da raça com a família, à escolarização e ao trabalho, Sharon ^[1] mostra as contradições e os efeitos do racismo na constituição de sua identidade negra e de sua amiga negra. Segundo ela,

Por a gente ter uma blindagem, no colégio, né, da classe social, eu não sofria ataques diretos. Obviamente que tinha essa questão do racismo, da identidade, de você não se identificar com o seu cabelo, com a sua estética, existia isso! Mas, a gente foi bem preparada, entendeu? Eu não tenho grandes traumas em relação a isso. Eu não posso afirmar que foi um problema, meus pais me prepararam muito. Minha mãe por ser branca e saber que iam nos atacar, meu pai por ser negro e ter tido uma formação. Depois, na universidade, eu entrei antes das cotas, aí logo, dois anos depois, quando ^[2] foi instaurado as cotas, eu tive uma amiga negra, lá de Santo Antônio de Leverger, que fez Arquitetura. Ela, tipo, me contava as coisas que ela passou, né, porque, eu sempre fui esclarecida em relação ao racismo estrutural que existe no Brasil, as diferenças de oportunidades, tudo isso sempre foi muito claro. Mas ela me contava situações que ela viveu na vida dela que eu ficava assim emocionalmente até desestabilizada, entendeu? Porque ela foi muito mais agredida por ela ser de uma classe pobre, entendeu? Em todos os aspectos, porque a mãe dela era empregada doméstica, levava ela pra onde ia trabalhar, ela sofria assédio sexual. Então, assim, aconteceu coisas muito graves! E teve até um dia que ela foi no meu prédio e o porteiro pediu para ela subir pelo elevador de serviço, tipo, naquele período, ah, eu descí, fiz um maior escândalo. O preconceito vai existir independente de classe social, ele existe, né? Ele é estrutural, você enfrenta isso no dia a dia. (*Sharon Sutton, Negra, Arquitetura e Urbanismo*).

A “blindagem” de Sharon contra o racismo, configurada pelo apoio familiar e pelos atributos de classe e de *status* decorrentes de sua formação acadêmica, que a permitiu não “sofrer ataques diretos” ou não ter “grandes traumas”, *a priori*, se constitui, única e exclusivamente, num revestimento protetor e resistente antirracista, mesmo ponderando que “o preconceito [racial] vai existir independente de classe social”, já que “ele é estrutural e você enfrenta-o no dia a dia.” Mas, *a posteriori*, ao se aprofundar no áudio completo da narrativa de vida dela, trazendo toda a semântica e a tecitura de suas experiências com o racismo, inseridas em parte na transcrição antes apresentada, percebemos que, de um revestimento protetor e resistente, essa blindagem racial tem uma faceta de *termômetro racial* que permite um maior entendimento das variações e dos graus do racismo na condução da vida dela, tanto para senti-lo (“fiquei emocionalmente desestabilizada”), detectá-lo e repeli-lo (“desci e fiz um maior escândalo”), quanto para negá-lo (“não posso afirmar que foi um problema”).

Margaret, branca, profissional na área de Ciências Humanas e Sociais, traz aspectos ligados às questões raciais, especificamente aos da sua experiência como professora universitária, evidenciando suas percepções sobre os ícones brasileiros e entrando no debate de quem realmente deveria estar dentro ou fora dessa seara. Essa situação gerou um conflito racial, conforme ela narra:

Em sala de aula, estava questionando os ícones brasileiros. A gente falando de cultura. Olha, você vê no Brasil, tem umas subversões, uma iconografia torta. Quem deveria ser os ícones do movimento abolicionista, da libertação dos escravos no Brasil, é um José do Patrocínio, André Rebouças, gente que construiu alguma coisa, não um

escravocrata safado como era o Zumbi dos Palmares, [risos], porque ele tinha os escravos dele, ele queria a liberdade para ele, né? Isso obviamente pode ser questionado? Sim, mas não é questionável que ele tinha escravo. Ele era super tirânico com os escravos dele, e tudo mais. Estava falando de um contexto e aí uma menina negra, que fazia a disciplina e era do movimento negro, se levantou e saiu de sala. E depois, em outra aula, eles tentaram me emboscar e vieram tentar impor a mim que eu dissesse que eu sou racista. O que eu fiz? Pediram permissão para entrar, eu falei: pode entrar! Aí eles começaram a me atizar, mas falei: não, olha, o racismo é crime, então, a gente vai ter que conversar bem sério sobre isso. Ela ficou chateada porque eu estava falando mal do anjinho dela, que era o Zumbi. Isso significaria que a pessoa é racista. Eu não estava falando mal dele, mas de uma escolha, que eu acredito que é errada, né? Eu falei: “não apenas não admito isso, como eu não aceito que vocês me acossem desse jeito na sala de aula. A pessoa que falou isso para vocês, viu um pedaço da aula, não viu a aula inteira. Eu vou denunciar vocês na ouvidoria, e aí eu denunciei, por essa acusação, injuriosa”. Ela voltou as aulas e ficava me olhando com cara de ódio, assim... [risos], sabe? Eu falava: “gente, alguém tem que ter maturidade aqui!” Depois desse ocorrido, avisei para eles que estava pensando seriamente em denunciá-los à polícia. (Margaret Thatcher, Branca, Ciências Humanas e Sociais).

É interessante notar quando Margaret afirma que “não estava falando mal dele [do Zumbi]”, pois “estava falando de uma escolha, que é errada.” Isso acontece, embora utilize, na entrevista, o termo “safado” para qualificá-lo. Mais do que um recurso retórico para se defender, essa afirmação expressa uma tomada de posição específica da branquitude: ver a si mesmo como detentor, *a priori*, do ponto de vista objetivo, ao tempo em que vê o negro (sobretudo aquele que se manifesta sobre questões raciais) como possuído pelas paixões, pela raiva ou pelo ressentimento, e, portanto, ilegítimo, quando o que está em questão é a verdade objetiva dos fatos. Não passou pela cabeça de Margaret que aquele episódio pudesse ensejar alguma revisão de sua visão (claramente estereotipada) de Zumbi dos Palmares. Além de expressar-se pelo apego àquela visão sobre Zumbi (tecnicamente equivocada, se por nada mais, pelo anacronismo e descontextualização histórica), a branquitude expressava-se ali também pela negação de uma posição epistemologicamente válida ao negro, sobretudo ao negro como sujeito que fala sobre opressão racial.

A partir dos fatos narrados por Margaret, percebe-se a ausência de uma visão crítica por parte dela sobre algumas questões raciais, mormente de Zumbi dos Palmares, um herói nacional construído pelos movimentos negros brasileiros, constante e historicamente perseguidos por argumentos racistas estratégicos das elites para desestabilizar um herói negro, símbolo contumaz antirracista. A ausência de criticidade diante do seu racismo sobre a verdadeira história de Zumbi podemos entender pelo que se nomeia “branquitude acrítica”, caracterizada quando a identidade branca individual ou coletiva argumenta a favor da superioridade racial, defende o privilégio branco, vive o signo da tradição, não suporta o outro, não questiona seus privilégios raciais, se vale de sinceridade sobre sua percepção sobre o negro, *etc.* (CARDOSO, 2020).

Esse comportamento de Margaret vai ao encontro do que Bento (2002) denomina falsa projeção. Ela se constitui num mecanismo que o sujeito procura livrar-se dos impulsos que ele não admite como seus, depositando-os no outro. Assim, “aquilo que lhe é familiar passa a ser visto como algo hostil e é projetado para fora de si, ou seja, na ‘vítima em potencial’.” (*ibid*, p. 38). Aqui, há a representação do outro como arauto do mal que serve de pretexto para

ações racistas em diferentes partes do mundo, de maneira que a agressividade pode ser dirigida contra esse inimigo comum (a outra raça), sentida como ameaça, mesmo que na maioria dos lugares ela não tivesse nenhum poder. Portanto, os sujeitos perdem a capacidade de discernir entre o que é deles e o que é alheio, e então tudo vira falsa-projeção, exterioridade, por meio de uma relação de poder. Além disso, isso é “um tipo de paranóia que caracteriza frequentemente quem está no poder e tem medo de perder seus privilégios. Assim, projeta seu medo e se transforma em caçador de cabeças.” (BENTO, 2002, p. 38).

Conclusão

Quanto à visão estereotipada e racializada sobre Zumbi torna-se preponderantemente pedagógico e político o ensino da educação antirracista por meio da Lei n.º 10.639/2003 nas instituições escolares, haja vista ter um grande papel a cumprir: no combate ou na contradisseminação de visões e ações estereotipadas sobre a população negra em geral.

O combate ao racismo, principalmente no sistema de ensino brasileiro com a educação antirracista, a partir da implementação de fato da Lei n.º 10.639/2003, da continuação de implementações das ações afirmativas para a população negra na universidade ou no mercado de trabalho, da participação ativa da população branca em seus reconhecimentos como pessoas privilegiadas na luta antirracista, são possibilidades a curto e médio prazo de ações coletivas e institucionais, na contramão da estruturação do racismo no Brasil em todas as instâncias sociais.

Referências

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guide de l'enquête de terrain**. 4e édition ed. Paris: La Découverte, 2010.

BENTO, Maria. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-57.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRRN, 2010.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. 1. ed., v. 2. Curitiba: Appris, 2020.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquitude não-marcada. *In*: WARE, Vron (org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-337.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NUTTALL, Sarah. Subjetividades da branquitude. *In*: WARE, Vron (org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 183-217.

[1] Os nomes dos/as sujeitos/as são fictícios e escolhidos tendo como critério nomes de algumas personalidades negras e brancas nas áreas pesquisadas.

[2] Município brasileiro, localizado na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, pertencente ao Estado de Mato Grosso, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil.